



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ALTAMIRA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM BIODIVERSIDADE E
CONSERVAÇÃO**



Érica Joziélen Cunha da Silva

**PLANTAS ÚTEIS NA COMUNIDADE QUILOMBOLA
JACAREQUARA, MUNICÍPIO DE SANTA LUZIA DO PARÁ - PA**

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Moirah Paula Machado
de Menezes

Coorientadora: Prof^a. Dr^a. Fernanda Carneiro
Romagnoli

CAPITÃO POÇO – PA

JULHO - 2022

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS ALTAMIRA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM BIODIVERSIDADE DE
CONSERVAÇÃO

Érica Joziélen Cunha da Silva

PLANTAS ÚTEIS NA COMUNIDADE QUILOMBOLA
JACAREQUARA, MUNICÍPIO DE SANTA LUZIA DO PARÁ - PA

Orientador: Prof^a. Dr^a. Moirah Paula Machado
de Menezes

Coorientadora: Prof^a. Dr^a. Fernanda Carneiro
Romagnoli

Dissertação a apresentada à Universidade
Federal do Pará, como parte das exigências
do Programa de Pós-graduação em
Biodiversidade e Conservação para
obtenção do título de Mestre em
Biodiversidade e Conservação.

.

CAPITÃO POÇO – PA

JULHO – 2022

ÉRICA JOZIÉLEN CUNHA DA SILVA

**PLANTAS ÚTEIS NA COMUNIDADE QUILOMBOLA
JACAREQUARA, MUNICÍPIO DE SANTA LUZIA DO PARÁ - PA**

Dissertação apresentada à Universidade Federal do Pará,
como parte das exigências do Programa de Pós-graduação
em Biodiversidade e Conservação para obtenção do título
de Mestre em Biodiversidade e Conservação.

Data da Defesa: 30/08/2022

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Marivana Borges Silva (IECOS/UFPA)

Membro Externo

Profa. Dra. Mryrian Sá Leitão Barboza (UFOPA)

Membro Externo

Profa. Dra. Raírys Cravo Herrera (PPGBC/UFPA)

Membro Interno

Profa. Dra. Moirah Paula Machado de Menezes (PPGBC/UFPA)

Orientadora

Profa. Dra. Fernanda Carneiro Romagnoli (UFRA)

Coorientadora

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a família Cunha, e aos moradores da Comunidade Quilombola Jacarequara.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por tudo que permitiu até aqui, por todas as bênçãos e desafios vencidos, a Ele toda minha gratidão.

A minha família, meus pais Edineia e Juarez, meus irmãos Maria Josiérika e Emerson, meus sobrinhos Fábio e Fernando, por todo apoio direto e indireto.

Ao meu marido Anderson Castro, por ser companheiro carinhoso e incentivador, motivando, acalmando com palavras e auxiliando com ações, amo você.

Agradeço à Paula Mercês, por desde o primeiro contato ter sido prestativa e apta a ajudar no acesso à comunidade Jacarequara, sem ela esse trabalho não teria sido possível, serei sempre grata.

A todos os moradores da Comunidade de Remanescentes de Quilombola Jacarequara, sendo receptivos, cedendo tempo e partilhando seus conhecimentos.

Ao presidente da Associação Quilombola Vida Para Sempre Jacarequara Sr. Manoel Venil, pela autorização de início das entrevistas.

Ao Sr. Manoel Nogueira e a Sra. Ivete da Conceição em especial pela atenção e preocupação em ajudar com seus conhecimentos na pesquisa.

A Lulian Nogueira, a Sra. Antônia Maria e sua família, pela hospitalidade e confiança em ceder suas casas, além de toda ajuda. Meu muito obrigada.

A minha orientadora Moirah Menezes e a minha coorientadora Fernanda Romagnoli, pela orientação ao longo de toda a pesquisa.

Agradeço à Universidade Federal do Pará, ao Programa de Pós-Graduação em Biodiversidade e Conservação e todos os professores das disciplinas pela formação.

A todos os envolvimento de forma direta e indireta nessa pesquisa, quero que sintam um carinhoso abraço de agradecimento.

SUMÁRIO

RESUMO GERAL	8
INTRODUÇÃO GERAL.	9
OBJETIVO GERAL	12
LITERATURA CITADA.....	12
ARTIGO 1- Plantas úteis na comunidade Quilombola Jacarequara, município de Santa Luzia do Pará – PA.....	1
RESUMO.....	1
INTRODUÇÃO	2
MATERIAL E MÉTODOS	4
ÁREA DE ESTUDO	4
COLETA DE DADOS	7
ANÁLISE E TABULAMENTO DE DADOS	9
RESULTADOS	9
PERFIL DOS ENTREVISTADOS	9
PLANTAS ÚTEIS.....	10
PLANTAS DE USO MEDICINAL	12
PLANTAS DE USO ALIMENTAR	20
PLANTAS DE USO ARTESANAL	21
OUTROS USOS DE PLANTAS.....	23
DISCUSSÃO	23
CONCLUSÕES.....	26
AGRADECIMENTOS	27
BIBLIOGRAFIA CITADA	27
APÊNDICES	30

Lista de figuras

Figura 1. Mapa de localização da comunidade remanescente de quilombo Jacarequara.....	5
Figura 2. Comunidade Remanescente de Quilombos Jacarequara	6
Figura 3. Uso das espécies de planta citadas pelos entrevistados da comunidade quilombola jacarequara.....	10
Figura 4. Com quem aprendeu a usar plantas medicinais.....	11
Figura 5. Produção de artesanato realizada por moradores da comunidade.....	22

Lista de Tabelas

Tabela 1. Espécies vegetais citadas pelos entrevistados no projeto Plantas Úteis na Comunidade Quilombola Jacarequara, Município de Santa Luzia do Pará, Pará.....	12
--	----

Lista de Abreviaturas e Siglas

Associação Quilombola Vida para Sempre Jacarequara	AVPS
Comitê de Ética em Pesquisa com seres Humanos	CEP/Conep
Comunidades Remanescentes de Quilombos	CRQs
Instituto de Terras do Pará	ITERPA
Plantas Alimentícias Não Convencionais	PANCS
Programa de Aquisição de alimentos	PAA
Resolução da Diretoria Colegiada	RDC
Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	TCLE

RESUMO GERAL

Plantas úteis na Comunidade Quilombola Jacarequara, Localizada no Município de Santa Luzia do Pará – PA

As populações tradicionais, são assim reconhecidas por terem seus conhecimentos ligados à natureza, e estes são usados como forma de sobrevivência, dentre essas populações temos os remanescentes de quilombos. Uma forma de resgate de conhecimentos etnobotânicos são essas populações humanas tradicionais que detêm conhecimentos sobre plantas medicinais, alimentares, ornamentais, artesanais, paisagísticas, mágico religiosos, dentre outros. Atualmente são reconhecidas no Pará 261 Comunidades Remanescentes de Quilombos, e 56 tem título de território Quilombola, dentre elas encontra-se Jacarequara, no município de Santa Luzia do Pará. . Objetivou-se realizar um levantamento das espécies úteis, identificar, conhecer e debater a dinâmica da comunidade com relação as espécies vegetais utilizadas. Foi realizada uma entrevista semi-estruturada com 26 moradores maiores de 18 anos utilizando o método “Bola de Neve” com indicações sucessivas até atingir um ponto de saturação, além de turnê guiada para coleta das amostras e fotografias para identificação com ajuda do sistema APG IV. Para as respostas foram construídos gráficos e tabelas com Excel, e s Calculados índices de valor de uso. 126 espécies foram citadas, 84 medicinal, 48 alimentar, 16 artesanal e 14 em outros usos, 65% dos entrevistados aprendeu com a mãe, avô ou tia sobre plantas medicinais, e o cultivo para alimentação é baseado na agricultura familiar. A comunidade Jacarequara demonstrou uma variedade de conhecimento de espécies de plantas, seus usos e formas de manipulação.

Palavras-Chave: Etnoconhecimento; Etonobotânica; Populações tradicionais; Diversidade cultural.

INTRODUÇÃO GERAL

O estudo entre as relações dos grupos humanos e o ambiente é chamada de etnobiologia. Podem ser feitas abordagens cognitiva e econômica, a primeira fala sobre a forma com que a cultura tem a percepção e o conhecimento a respeito do mundo biológico, a segunda se refere a transformação de recursos naturais em produtos de utilidade e valor econômico (ALBUQUERQUE, 2014).

A etnobiologia apresenta diferentes ramos, como exemplo temos a etnozoologia e a etnobotânica. A etnozoologia estuda a relação do homem com os animais e a etnobotânica estuda as relações do homem com as plantas (BLANCO; MORALES, 1994). Dentre os grupos humanos com relação importante com as plantas ou animais podem ser as populações tradicionais ou urbanas.

O decreto 6.040, de 7 de fevereiro de 2007 ao qual institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável de Povos e Comunidades Tradicionais dita no Art. 3º que povos e comunidades tradicionais são:

ART 2º Grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução social, cultural, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição.

Como exemplos, podemos mencionar os povos indígenas, ribeirinhos, quilombolas, pescadores artesanais, dentre outras (PIMENTEL; RIBEIRO, 2016). Povos tradicionais que devido sua vivência na natureza muitas das vezes dominam o conhecimento sobre plantas em diversos usos.

A respeito da definição de plantas medicinais, o ministério da saúde, através da Resolução da Diretoria Colegiada (RDC) nº 10, define como “espécie vegetal, cultivada ou não, utilizada com propósitos terapêuticos”. Através de um processo cultural que está sempre em dinâmica, essas espécies vegetais formam um conjunto de plantas medicinais que representam o arsenal terapêutico de determinada cultura, e as principais formas de obtenção dessas plantas se dão de duas formas: A seleção de espécies nativas locais e uso de espécies exóticas, devido ao contato com outras culturas (ALBUQUERQUE, 2014)

A utilização de plantas medicinais para muitas comunidades é uma boa opção para o tratamento de diversas doenças, ou para manutenção da saúde, embora seu uso tenha diminuído bastante a partir do século XIX com o surgimento de novos compostos de substâncias sintéticas farmacológicas, mesmo assim em muitas comunidades o uso de ervas é o principal recurso no combate as mais variadas doenças, e em muitos casos são a única opção terapêutica disponível (PINTO, 2006; KOVALSKI, 2013).

Além da importância direta para o tratamento de doenças, grande parte do material usado no preparo dos remédios e poções pode conter efeito farmacológico importante, podendo servir de base para o estudo de novos medicamentos, e assim contribuir para o avanço científico (VAL, 2014)

Para a obtenção de alimento utiliza-se tanto plantas exóticas quanto as nativas ou silvestres. As plantas silvestres são assim chamadas por não passarem por processo de manejo ou outro tipo de atenção pelo homem (GUINAND; LEMESSA, 2001; ALBUQUERQUE, 2014).

Essas plantas silvestres podem ser plantas alimentícias não convencionais, (PANCS) que vem a ser aquelas espécies em que não são comumente consumidas ou conhecidas de forma geral (BIONDO *et al.*, 2018). Dentre a questão alimentar de uma comunidade pode-se destacar também os quintais agroflorestais, que vem a ser sistemas de onde os agricultores retiram parte dos alimentos da dieta familiar, além de poder fazer parte da renda com a venda desses produtos em feiras e mercados (GARCIA *et al.*, 2015).

Acerca da segurança alimentar no Brasil tem-se o decreto nº 7.272 de 25 de agosto de 2010, que regulamenta a lei nº 11.346, de 15 de setembro de 2006, que institui a Política Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional criada para promoção da segurança alimentar e nutricional, promover o acesso à alimentação adequada e saudável, instituir processos de educação alimentar e nutricional, fazer monitoramento do direito humano à alimentação adequada, dentre outras atribuições (BRASIL, 2010)

As plantas alimentícias são fundamentais para a segurança alimentar e nutricional. A valorização dos vegetais é muito importante, e a diversidade deles é essencial pois são fonte de sais minerais, vitaminas, nutrientes, açúcares e fibras que atuam no bom funcionamento do organismo (POLESI, 2017).

A rica biodiversidade encontrada no Brasil representa de 15 a 20% do percentual mundial, além de uma rica diversidade sociocultural importante para os povos que vivem nas florestas e constroem seu modo de vida ligados aos ambientes naturais específicos em que vivem (BRASIL, 2006; SANTOS; QUINTERO, 2018).

Para uma boa manutenção do conhecimento ecológico tradicional local é preciso levar em consideração a disponibilidade das plantas, que pode estar comprometida devido ao estado de conservação em que o ecossistema que cerca aquele ambiente se encontra atualmente (PEDROLLO, *et al.*, 2016)

Ao longo dos séculos e milênios, os mais variados grupos e etnias encontraram-se com uma mistura de culturas formando as atuais identidades regionais (AMARAL, 2010). Na Amazônia Brasileira os remanescentes de quilombos ou quilombolas são parte importante da questão sociocultural ali presente (PEREIRA; COELHO-FERREIRA, 2017).

O termo quilombo é um derivado de *kilombo*, “uma sociedade iniciática de jovens guerreiros mbundu, adotada pelos invasores jaga (ou imbangala)”, construída por pessoas de variados grupos étnicos que foram desenraizados de suas comunidades, e essa teria sido em parte reproduzida pelos grupos de milhares de escravos fugitivos que formaram Palmares, sendo apenas a partir daí que o termo quilombo se consolidou, pois até então se dava o nome de mocambo (REIS, 1996).

A formação de quilombos no Brasil foi resultado da resistência negra que foi imposta pela escravatura, que cresceu no século XVIII, devido aumento do tráfico negreiro transatlântico, formando assim grupos de norte a sul do país que variavam em tamanho e duração, e posteriormente no início do século XIX houve um ciclo de revoltas africanas que trouxeram mudanças na legislação escravista, com especificações sobre os poderes dos Capitães-do-mato, que eram os responsáveis por capturar escravos fugitivos. (MARQUESE, 2006; SILVA, 2012).

Assim como no restante do país o estado do Pará também explorava a mão de obra escrava. Os trabalhos agrícolas na região foram iniciados com trabalho escravo, e em 1637, apenas vinte anos após a fundação de Belém nela habitavam por volta de duzentos moradores, e muitos deles eram os escravos, e mais tarde, a capital da província do Grão Pará já era um grande mercado regional interprovincial,

intraprovincial e intermunicipal de escravos (SALLES, 1971; LAURINDO JUNIOR; BEZERRA NETO, 2018).

A escravidão negra foi a maior migração compulsória do mundo, e só no início da década de 1850 foi proibido comércio transatlântico de africanos para o Brasil, o que intensificou o tráfico interno, tendo apenas em 13 de maio de 1888 a histórica assinatura da Lei Áurea, pela princesa Isabel, que decretava a abolição da escravatura (MARQUESE, 2006; DOMINGUES, 2011; LAURINDO JUNIOR; BEZERRA NETO, 2018).

O termo quilombo é manifestado de uma nova forma a partir da constituição federal de 1988, agora voltado para luta dos movimentos negros, com a reivindicação de direitos básicos, e direito a terra para essas comunidades (SILVA, 2012). O conceito atual de comunidade quilombola segundo o Artigo 2º do decreto 4.887/2003, diz que:

Art. 2º Consideram-se remanescentes das comunidades dos quilombos, para os fins deste Decreto, os grupos étnico-raciais, segundo critérios de auto-atribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida.

Atualmente no estado do Pará são reconhecidas 261 Comunidades Remanescentes de Quilombos (CRQs) através de certidões de reconhecimento expedidas pela Fundação Palmares, tendo 56 delas título de reconhecimento de domínio coletivo como território quilombola pelo ITERPA, Instituto de Terras do Pará (Fundação cultural Palmares, 2020; Instituto de Terras do Pará, 2020).

Almeida (2013) registrou relatos de que existiam várias fazendas que utilizavam trabalho escravo na região das margens do rio Guamá onde está localizada a vila Jacarequara, e que com relação a data de formação do quilombo é de difícil precisão, porém se tem a hipótese das primeiras décadas do século XIX, motivados pelo movimento da cabanagem que os capturava para combater com eles, e assim como forma de fuga se escondiam na mata e se organizavam em comunidades, em que uma delas vem a ser Jacarequara.

OBJETIVO GERAL

Conhecer o uso de espécies vegetais em uma comunidade quilombola pertencente ao município de Santa Luzia do Pará.

LITERATURA CITADA

- ALBUQUERQUE, U, P. Introdução à Etnobiologia. 1. ed. Recife, PE: **NUPEEA**, 2014.
- ALMEIDA, R. R. Escravidão, resistência e a formação de quilombos na Amazônia: Jacarequara em Pauta. XXVII **Simpósio Nacional de História**, 2013.
- AMARAL, A. J. P. Artesanato Quilombola: identidade e etnicidade na Amazônia. **Revista Cadernos do Ceom**, v. 23, n. 32, p. 61-76, 2010.
- BLANCO, E.; MORALES, R. Etnobotânica. **Revista de dialectología y tradiciones populares**, Espanã, v. 49, n. 2, p. 205-222, 1994.
- BRASIL. Decreto nº 6.040, de 07 de fevereiro de 2007. Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. **Diário oficial da união**. Brasília, DF, 07 de fevereiro de 2007.
- BRASIL. Decreto nº 4.887 de 20 de Novembro de 2003. Regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que trata o art. 68 do ato das disposições constitucionais transitórias. **Diário oficial da união**. Brasília, DF, 20 de Novembro de 2003.
- BRASIL. Decreto nº 7.272, de 25 de agosto de 2010. Regulamenta a Lei no 11.346, de 15 de setembro de 2006, que cria o Sistema Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional - SISAN com vistas a assegurar o direito humano à alimentação adequada, institui a Política Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional - PNSAN, estabelece os parâmetros para a elaboração do Plano Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional, e dá outras providências. **Diário oficial da união**. Brasília, DF, 25 de Agosto de 2010.
- BRASIL. Política nacional de plantas medicinais e fitoterápicos / Ministério da Saúde, Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos, Departamento de Assistência Farmacêutica. Brasília: Ministério da Saúde, 2006.
- BRASIL. Resolução RDC nº 10, de 9 de março de 2010. Dispõe sobre a notificação de drogas vegetais junto à **Agência Nacional de Vigilância Sanitária** (ANVISA) e dá outras providências. **Diário Oficial da União**. Brasília DF, 9 de março de 2010.
- CORETTE-PASA, M. Abordagem Etnobotânica na Comunidade de Conceição-Açu. Mato Grosso, Brasil. México. **Polibotânica**, n. 31, p. 169-197, 2011.
- DOMINGUES, Petrônio José. " A redenção de nossa raça": as comemorações da abolição da escravatura no Brasil. **Revista Brasileira de História**, v. 31, n. 62, p. 19-48, 2011.
- FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES. **Palmares fundação cultural**, 2020. Certificação quilombola. Disponível em: <http://www.palmares.gov.br/?page_id=37551>. Acesso em: 2 de Nov de 2020.
- GARCIA, B. N. R.; VIEIRA, T. A; DE ASSIS O. F. Quintais agroflorestais e segurança alimentar em uma comunidade rural na Amazônia Oriental. **Revista de la Facultad de Agronomía, La Plata**, v. 114, n. 3, p. 67-73, 2015.
- GUINAND, Y. LEMESSA, D. Wild-food plants in Ethiopia: reflections on the role of wild foods and famine foods at a time of drought. **The potential of indigenous wild foods**. Kenia 2001.

- INSTITUTO DE TERRAS DO PARÁ. **ITERPA Instituto de Terras do Pará**, 2020. Quilombolas: Territórios quilombolas. Disponível em: <<http://www.iterpa.pa.gov.br/content/quilombolas-0>>. Acesso em: 2 de Nov de 2020.
- KOVALSKI, M. L; OBARA, A. T. O estudo da etnobotânica das plantas medicinais na escola. **Ciência & Educação (Bauru)**, v. 19, n. 4, p. 911-927, 2013.
- LAURINDO JUNIOR, L. C; BEZERRA NETO, J. M. Alguns vêm de lá, outros de cá: a Amazônia no tráfico interno brasileiro de escravos (século XIX). **História (São Paulo)**, v. 37, 2018.
- MARQUESE, R. B. A dinâmica da escravidão no Brasil: resistência, tráfico negreiro e alforrias, séculos XVII a XIX. **Novos estudos CEBRAP**, n. 74, p. 107-123, 2006.
- PEDROLLO, C. T; KINUPP, V. F; Shepard, G ; HEINRICH, M. Plantas medicinais no Rio Jauaperi, Amazônia Brasileira: Levantamento etnobotânico e conservação ambiental. **Journal of Ethnopharmacology**, v. 186, p. 111-124, 2016.
- PEREIRA, M. G. S; COELHO-FERREIRA, M. Uso e diversidade de plantas medicinais em uma comunidade quilombola na Amazônia Oriental, Abaetetuba, Pará. **Biota Amazônia (Biote Amazonie, Biota Amazonia, Amazonian Biota)**, v. 7, n. 3, p. 57-68, 2017.
- PIMENTEL, M. A. S.; RIBEIRO, W. C. Populações tradicionais e conflitos em áreas protegidas. **GEOUSP Espaço E Tempo (Online)**, v. 20, n. 2, p. 224-237, 2016.
- PINTO, E. P. P; AMOROZO, M. C. M; FURLAN, A. Conhecimento popular sobre plantas medicinais em comunidades rurais de mata atlântica-Itacaré, BA, Brasil. **Acta botânica brasílica**, p. 751-762, 2006.
- POLESI, R. G et al. Agrobiodiversidade e segurança alimentar no Vale do Taquari, RS: Plantas alimentícias não convencionais e frutas nativas. **Revista Científica Rural**, v. 19, n. 2, p. 118-135, 2017.
- REIS, J. J. Quilombos e revoltas escravas no Brasil. **Revista usp**, n. 28, p. 14-39, 1996.
- SALLES, V. O negro no Pará: sob o regime da escravidão. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, Belém: UFPA, 1971.
- SANTOS, M.G., QUINTERO, M., C. Saberes tradicionais e locais: reflexões etnobiológicas [online]. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2018
- SILVA, N. CB. *et al.* Estudo Etnobotânico em Comunidades Remanescentes de Quilombo em Rio de Contas–Chapada Diamantina-Bahia. **Revista Fitos**, vol 7, n 2, 2012.
- VAL, A. L. Amazônia um bioma multinacional. **Ciência e Cultura**, v. 66, n. 3, p. 20-24, 2014.

Este capítulo está formatado nas normas da revista Acta Amazonica, disponível em:

https://acta.inpa.gov.br/guia_ingles.php.

Artigo 1

PLANTAS ÚTEIS NA COMUNIDADE QUILOMBOLA JACAREQUARA, MUNICÍPIO DE SANTA LUZIA DO PARÁ - PA

Plantas úteis na comunidade Quilombola Jacarequara, município de Santa Luzia do Pará – PA.

ÉRICA JOZIÉLEN CUNHA DA SILVA ¹, FERNANDA CARNEIRO ROMAGNOLI ², MOIRAH PAULA MACHADO DE MENEZES ^{3*}

1 Programa de Pós-Graduação em Biodiversidade e Conservação, Campus de Altamira, Universidade Federal do Pará, Pará, Brasil.

2 Universidade Federal Rural da Amazônia, Campus de Capitão Poço, Pará, Brasil

3 Instituto de Estudos Costeiros, Campus de Bragança, Universidade Federal do Pará, Pará, Brasil.

* Autor para correspondência: e-mail: moirah@ufpa.br

RESUMO

As populações humanas tradicionais detêm conhecimentos sobre plantas medicinais, alimentares, ornamentais, artesanais, paisagísticas, mágico religiosos, dentre outros, sendo eles, peças importantes na preservação de conhecimentos botânicos. O etnoconhecimento na região amazônica é muito grande, e envolve a história e processo cultural da região, sendo resultado de influências europeias, indígenas e africanas. Esses conhecimentos em comunidades geralmente são passados de pais para filhos de forma oral, podendo se perder com o tempo, e Jacarequara ainda não apresenta pesquisas sobre seus conhecimentos etnobotânicos, o que torna essencial esses registros através do trabalho. Objetivou-se realizar um levantamento das espécies úteis, identificar, conhecer e debater a dinâmica da comunidade com relação as espécies vegetais utilizadas. Foi realizada uma entrevista semi-estruturada com 26 moradores maiores de 18 anos utilizando o método “Bola de Neve” com indicações sucessivas até atingir um ponto de saturação, além de turnê guiada para coleta das amostras e fotografias para identificação com ajuda do sistema APG IV. Para as respostas foram construídos gráficos e tabelas com Excel, e s Calculados índices de valor de uso. 130 espécies foram citadas, 84 medicinal, 48 alimentar, 16 artesanal e 14 em outros usos, 65% dos entrevistados aprendeu com a mãe, avô ou tia sobre plantas medicinais, e o cultivo para alimentação é baseado na agricultura familiar. A comunidade Jacarequara demonstrou uma variedade de conhecimento de espécies de plantas, seus usos e formas de manipulação.

PALAVRAS-CHAVE: Etnoconhecimento; Etonobotânica; Populações tradicionais; Diversidade cultural.

INTRODUÇÃO

O estudo etnobotânico das comunidades tradicionais é uma forma de resgate dos conhecimentos e dos saberes botânicos, que ainda são essenciais para as suas atividades diárias. Além disso o conhecimento sobre as plantas, principalmente as de uso medicinal, representa, muitas vezes, o único recurso terapêutico disponível para aquela comunidade (CORETTE-PASA, 2011; SILVA *et al.*, 2010; MACIEL *et al.*, 2002).

O etnoconhecimento dos povos da região amazônica é grande, e envolve a história humana da região, todo processo cultural desenvolvido e suas conexões inter-regionais (VAL, 2014). Esse conhecimento sobre a utilização das plantas é resultado de diversas influências culturais de colonizadores europeus, e indígenas ou africanos, em que muitas dessas plantas utilizadas hoje foram inseridas no início da colonização brasileira (CORETTE-PASA, 2011).

Um exemplo são as plantas na medicina tradicional ocorre em diferentes culturas. O Brasil apresenta rica diversidade cultural e étnica que detém conhecimentos geralmente transmitidos de geração a geração, principalmente no uso e no manejo das plantas medicinais (BRASIL, 2006).

As plantas alimentícias, podem ser usadas para alimentação humana, podendo ser utilizadas uma ou mais partes da planta, incluindo raízes, talos, folhas, brotos, flores, frutos e sementes, látex, goma, entre outros consumidos *in natura* ou cozidos (KINUPP; BARROS, 2007), fazem parte do elemento histórico dinâmico, que envolve questões sociais, econômicas, culturais, ecológicas e políticas (RAMOS, 2007).

Os conhecimentos botânicos tradicionais também são utilizados para o artesanato. Esse artesanato é de grande importância para o entendimento de grupos sociais, pois esse conhecimento geralmente é repassado de geração para geração. Isso

mostra uma tradição em que, além de fazer parte da identidade, pode representar também lazer ou trabalho, como exemplo uso de fibras de miritizeiro, madeira, barro, argila, sementes e folhas, para construção de ornamentos, gaiolas, paneiros, entre outros (AMARAL, 2010).

Dentre as comunidades remanescentes de quilombo do estado do Pará encontra-se Jacarequara, pertencente ao município de Santa Luzia do Pará. A comunidade recebeu sua certidão de reconhecimento pela Fundação Palmares em 13 de dezembro de 2006, e recebeu seu título de reconhecimento de território através do ITERPA em nome da Associação Quilombola Vida para Sempre Jacarequara (AVPS), com área de 1.236,9910ha, no dia 13 de maio de 2008 (Fundação Cultural Palmares, 2020; Instituto de Terras do Pará, 2020).

O território em que os quilombos se formaram é parte importante da construção da história das populações quilombolas que ali vivem, pois guarda memórias sobre a época em que aquele lugar era um acampamento guerreiro de resistência desse povo, e as relações que vão se estabelecendo ao longo do tempo refletem no comportamento dessas pessoas sobre a natureza que os cerca (De MELO; BARROS, 2016; SOUSA; NASCIMENTO, 2013).

Segundo Vanini (2010), a dinâmica atual do uso dos recursos naturais de uma comunidade tradicional foi construída durante sua trajetória e é parte de sua identidade. Já Dantas e Ferreira (2013) dizem que esses conhecimentos são repassados geralmente de forma oral de pais para filhos. Partindo disso o estudo e registro desses conhecimentos de uso faz-se importante para que assim não sejam perdidos com o passar do tempo.

No caso da comunidade Jacarequara, através de reuniões ocorridas na Associação Quilombola e repassadas por membros da comissão organizadora foi constatado um interesse comum dos moradores em registrar a história da comunidade. Pois a comunidade ainda não fez nenhuma pesquisa voltada para seus conhecimentos etnobotânicos, o que faz com que seja importante o registro biológico e cultural desses usos e sua divulgação sejam essenciais para que a própria comunidade possa fazer uso e valorize seus conhecimentos.

Com essa perspectiva, o presente estudo visa realizar o levantamento das espécies vegetais úteis, identificá-las a um nível taxonômico e registrar suas utilidades, além de conhecer e debater através das constatações realizadas a dinâmica da comunidade com relação as vivências e aprendizados sobre as espécies vegetais citadas.

MATERIAL E MÉTODOS

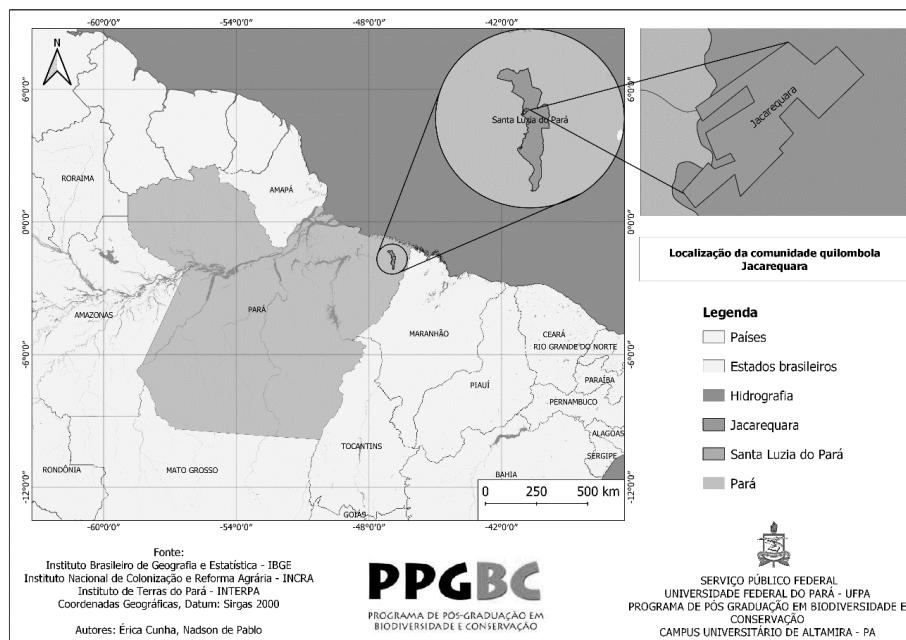
ÁREA DE ESTUDO

O trabalho foi desenvolvido na Comunidade Remanescente de Quilombos Jacarequara (Figura 1), localizada no município de Santa Luzia do Pará, região nordeste do estado do Pará. Na região, a população rural é formada por agricultores familiares, agroextrativistas, artesãos, pescadores artesanais e pequenos pecuaristas (SILVA, 2006).

As populações tradicionais do nordeste paraense são compostas por 6 tribos indígenas e 35 de remanescentes de quilombo, sendo que as tribos indígenas Timbira, Urubu, Kaapore e Tembê estão localizadas no Alto do Rio Guamá nos municípios de Nova Esperança do Piriá e Santa Luzia do Pará. Destaca-se as comunidades quilombolas, com 15 áreas demarcadas. Com relação à economia da região, mesmo com mudanças ao longo do tempo, ainda é baseada na agricultura de subsistência com base

comunitária ou familiar e venda de excedente (CORDEIRO; ARBAGE; SCHWARTZ, 2017).

Figura 1. Mapa de localização da Comunidade Remanescente de Quilombos



Jacarequara (Fonte: Autora).

O município de Santa Luzia do Pará é composto por área rural e urbana e com população em torno de 19.843 pessoas, com renda média mensal de 1,9 salários-mínimos (IBGE, 2010). Está localizado na Microrregião Guamá, na Mesorregião do Nordeste Paraense, a aproximadamente 173,7km da capital Belém, e a aproximadamente 32 km ao Norte-Leste de Capitão Poço, que é o maior município nos arredores, e suas coordenadas geográficas são 01°27'06"S e 46° 57' 35" W (CRISPIM, 2020).

A comunidade remanescente de quilombos Jacarequara (Figura 2), ocupa uma área de 1.236,9910ha (Instituto de Terras do Pará, 2020). Tendo a sua economia baseada principalmente na produção e venda de açaí (*Euterpe oleracea*), murumuru (*Astrocaryum murumuru*) e mandioca (*Manihot esculenta*).

Jacarequara fica localizada às margens do Rio Guamá, para chegar se usa canoas ou uma pequena balsa movida a motor para seu acesso no sentido Capitão Poço-Jacarequara. A comunidade possui uma escola, a Escola Municipal de Ensino Fundamental São Lucas. Possui ainda uma igreja católica, e um campo de futebol. Além de uma igreja evangélica e um barracão comunitário usado pela associação de moradores (Figura 2).



Figura 2. Comunidade Remanescentes de Quilombo Jacarequara. a) vista aérea; b) vista terrestre; c) Escola Municipal de Ensino Fundamental são Lucas; d) igreja católica. (Fonte: Autora).

A população estimada da comunidade, segundo a secretaria municipal de saúde, é de cerca de 330 pessoas dispostas em 85 famílias, e diferentes faixas etárias, sendo 45 delas crianças.

A comunidade dispõe de uma associação, nomeada Associação Quilombola Vida Para Sempre Jacarequara (AVPS), criada pelo s.r. Raimundo Nogueira com apoio de outros moradores e devidamente registrada nos órgãos competentes, em que nela atualmente, tem aproximadamente 80 associados, que se reúnem quinzenalmente e debatem os direitos e leis quilombolas, presididos pelo s.r. Manoel Venil juntamente com o vice e a equipe de conselho fiscal que conta com tesoureiros e outros conselheiros. Atuam na organização do debate e da busca por projetos para benefício dos moradores, a exemplo de um projeto de financiamento de residências junto ao banco e cursos de tratorista, computação, casa de farinha, horta, eletricitista, piscicultura, artesanato, entre outros. Informações essas, prestadas pelo presidente da associação e moradores ativos na mesma.

COLETA DE DADOS

Para iniciar este estudo, em setembro de 2020, houve uma reunião informal com o presidente da associação de moradores, que concedeu autorização informal para a realização da pesquisa, e posteriormente autorização formal com assinatura de termo de consentimento, seguida de visitas à comunidade com estadia na casa de moradores para melhor fortalecimento da comunicação.

Os moradores da comunidade foram convidados a participar da pesquisa, e aos que aceitaram, foi entregue o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice A), que foi devidamente assinado. Para obtenção dos dados foram realizadas entrevistas semi-estruturadas (Apêndice B). Segundo Manzini (1990;1991), a entrevista semi-estruturada não é condicionada a seguir um padrão de alternativas pré formuladas. Foca em um objetivo seguindo um roteiro contendo as principais perguntas complementadas pelo entrevistador, conforme as circunstâncias momentâneas da entrevista.

O roteiro de perguntas começa com identificação do entrevistado, com idade, sexo, escolaridade e tempo em que mora no local, seguido de questionamentos sobre a utilização de plantas, as formas de preparo ou uso, partes utilizadas e indicações, com categorizações de uso medicinal, alimentar, artesanal e outros usos.

As respostas foram registradas de forma manuscrita, contendo as espécies informadas pela comunidade coletadas durante as entrevistas, que continham perguntas de cunho socioeconômico para traçar o perfil dos entrevistados e perguntas sobre plantas úteis e suas aplicações.

Em situações em que foram necessários o registro fotográfico de plantas para identificação, registro de imagens de pessoa ou moradia, foi solicitada a assinatura do Termo de Autorização para Registro Fotográfico (Apêndice C).

Também foram realizadas turnês guiadas com pessoas da comunidade que indicaram as espécies de plantas, posteriormente, com autorização do Sistema de Autorização e Informação da Biodiversidade-SISBIO nº de protocolo 83130-1 de 21 de abril de 2022, e coletadas e fotografadas parte das espécies para posterior identificação.

A identificação das espécies ocorreu com auxílio do sistema de classificação APG IV, o Herbário Virtual do Re flora que disponibiliza dados sobre a flora brasileira de forma irrestrita.

Devido à pandemia de COVID-19, foram realizadas medidas de segurança para evitar o contágio, com uso de máscara pelos entrevistadores, higienização das mãos com álcool gel na entrada e saída dos locais de entrevista, que ocorreram no barracão da associação da comunidade ou em frente as residências por serem locais abertos e, para melhor circulação de ar, e manter distanciamento adequado de 2 metros do entrevistado.

Para seleção dos participantes, foi utilizada a metodologia *Snowball Sampling*, conhecido por cadeia de informantes ou método “Bola de Neve”, que consiste em indicações sucessivas de entrevistados até que não haja acréscimo de novas experiências de relevância para a pesquisa (BIERNACKI, 1981; FONTANELLA, 2008).

Os critérios adotados para participação na pesquisa são os de residir na comunidade Jacarequara, fazer uso, conhecer ou participar da dinâmica de uso das plantas na comunidade. Ser maior de 18 anos, aceitar participar do estudo e assinar o TCLE.

Os riscos para os participantes da pesquisa foram o medo de não saber responder, de ser identificado, o cansaço, a vergonha e possível desconforto ao responder as perguntas da pesquisa. Os benefícios da pesquisa são a disponibilidade das informações da pesquisa para conhecimento e uso dos moradores de forma geral, e alunos da escola, sendo útil para disseminar dentro da própria comunidade esse etnoconhecimento.

ANÁLISE E TABULAMENTO DE DADOS

A fim de melhor analisar os dados foi calculado o Índice de Valor de Uso por Rossato et al. (1999) adaptado de Phillips e Gentry (1993) sendo os entrevistados visitados apenas uma vez. O Valor de Uso (VU) é calculado através da fórmula $VU = (U/N)$ onde VU = valor de uso; U = número de citações (ou usos) da etnoespécie e N = número total de informantes, buscando assim quais foram as espécies de cada categoria com os maiores índices de valor de uso.

RESULTADOS

PERFIL DOS ENTREVISTADOS

Foram entrevistadas 26 pessoas, com idades entre 26 e 91 anos, sendo a maior parte (31%) deles com idade de 46 a 55 anos. Do total são 17 do sexo feminino e 9 do sexo masculino, 81% dessas pessoas moram na comunidade desde criança ou nasceram na comunidade. As principais atividades mencionadas foram as de agricultor(a) ou lavrador(a) (61%), seguido de aposentado(a) (31%). Em relação a escolaridade, a maior parte tem ensino fundamental incompleto (84%).

PLANTAS ÚTEIS

Foram citadas 130 espécies de plantas, com usos classificados nas categorias medicinais, alimentares, artesanais e outros. Algumas plantas foram mencionadas em mais de uma categoria, tendo sido as de maior citação nas categorias medicinal e alimentar, sendo 40 nativas e 45 exóticas e 45 sem classificação (Figura 3).

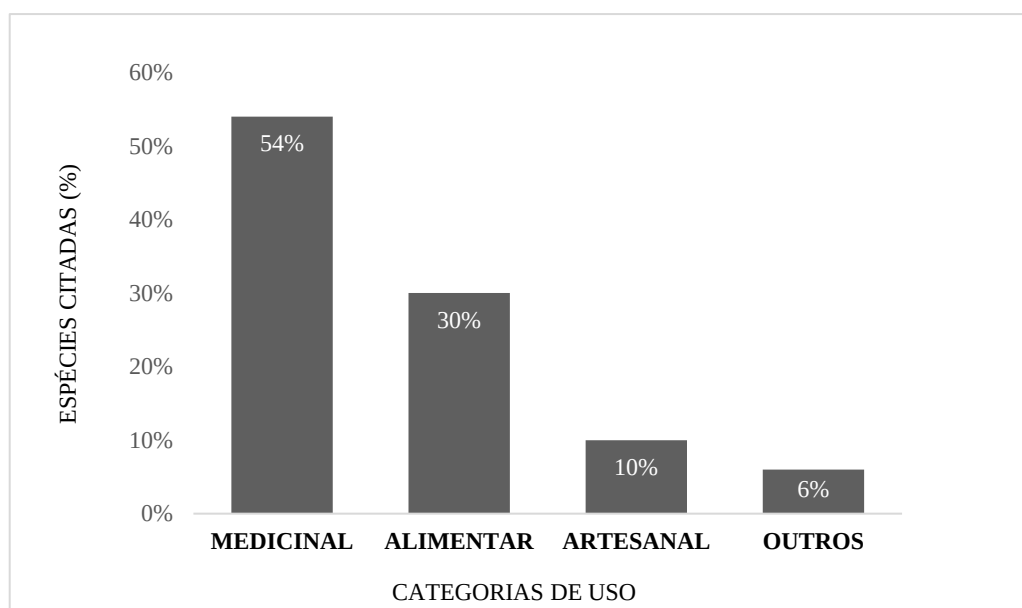


Figura 3. Usos das espécies de plantas citadas pelos entrevistados da comunidade quilombola de Jacarequara, Santa Luzia do Pará.

Sobre a utilização das plantas todos os entrevistados afirmaram conhecer plantas usadas para tratamento de alguma doença ou mal-estar, e já terem usado ou ainda usarem as plantas com essa finalidade. Cerca de 92% dos entrevistados utilizam as plantas como primeira opção quando adoecem, principalmente em problemas mais leves, e 96% alegam se sentir melhor com seu uso.

A frequência de uso das plantas medicinais foi de 46% usadas raramente (quando adoecer), 23% uma vez por mês, e 31% uma vez por semana. Sobre já ter perguntado a algum profissional de saúde, ver na televisão, internet ou ter lido algo a respeito da eficácia das plantas medicinais 81% dizem não ter procurado esse tipo de informação. As respostas sobre com quem aprendeu o uso das plantas medicinais revelou que 65% aprenderam com a mãe, avó ou tia (Figura 4).

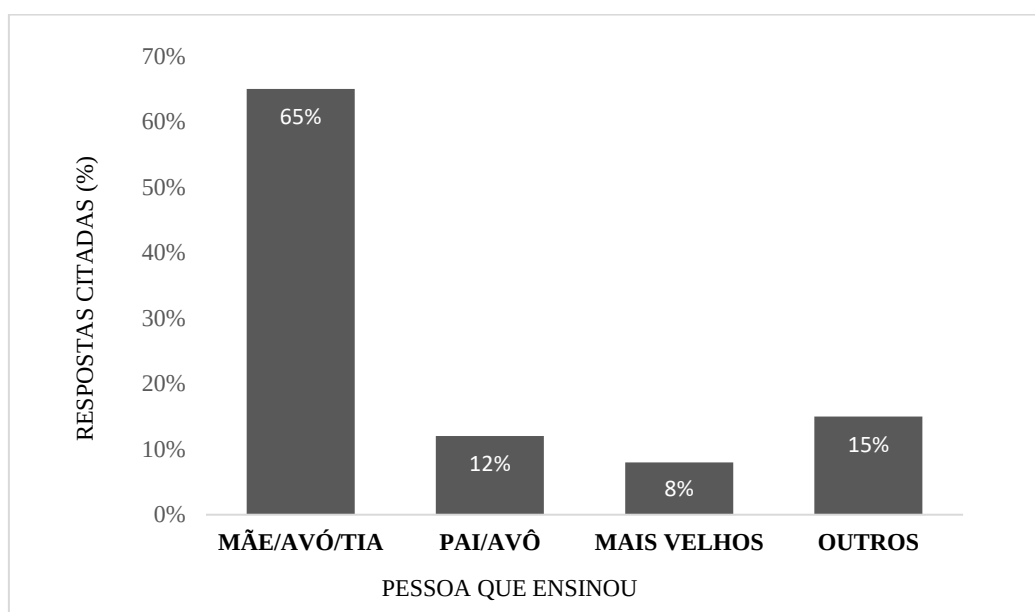


Figura 4. Com quem aprendeu a usar plantas medicinais, segundo os entrevistados da comunidade quilombola Jacarequara, Santa Luzi do Pará.

Com relação às plantas usadas para alimentação 88% dos entrevistados afirmam cultivar algo para alimentação própria da família ou para venda, e 46% colhem algo na

mata para consumo próprio ou vender (piquiá, açaí, cacau e tucumã). A porcentagem do consumo de alimentos adquiridos em supermercados ou feiras é de 69%, enquanto 31% afirmam consumir mais alimentos produzidos por eles próprios.

O artesanato feito com plantas é realizado por 50% dos entrevistados, utilizando folhas e fibras de palmeiras, tronco das espécies. Para usos das plantas diferentes dos mencionados 15% tem conhecimentos de uso em construção de casas.

PLANTAS DE USO MEDICINAL

Foram citadas 84 espécies de uso medicinal. As espécies mais citadas foram, Unha de gato (10 citações) (*Uncaria tomentosa*), Verônica (*Dalbergia monetaria*) (10), Caju (*Anacardium occidentale*) (8), mastruz (*Chenopodium ambrosioides*) (8), andiroba (*Carapa guianensis*) (7), gengibre (*Zingiber officinale*) (6), Catinga de mulata (*Tanacetum vulgare*)(5), e babosa (*Aloe vera*) (5).

As partes das plantas citadas para preparo dos remédios com essas espécies são: folhas, casca das árvores, raiz, óleos e outras partes presentes na planta, sendo as folhas a mais usada. As formas de preparo incluem: chá, infusão e maceração. As formas de uso são: ingestão, banhos, bochechos e aplicação direta (Tabela 1).

Os principais problemas de saúde mencionados são inflamações de útero, dores na parte inferior da barriga (pelve), diarreia, problemas de estômago, gripe, tosse, verminose, diabetes, acidente vascular cerebral (AVC), e anti-inflamatório usado de forma geral. Em sua maioria o cultivo das plantas medicinais é feito próximo de casa ou no quintal.

Tabela 1. Espécies vegetais citadas pelos entrevistados no projeto Plantas Úteis na Comunidade Quilombola Jacarequera, Município de Santa Luzia do Pará, Pará. Família

botânica, espécie, autor, nome vernacular, categorias de uso (Me: medicinal, Al: alimentar, Ar: artesanal, e outros); Parte utilizada: folha, caule, casca do caule, fruta, óleo e raiz; Forma de preparo ou uso: chá, infusão, maceração, aplicação direta, *in natura* e suco; Indicação: inflamação do útero, dor pélvica, gastrite, gripe, tosse, febre, verminose, diabetes, AVC, anti-inflamatório, banhos, sarampo, catapora e diarreia, anemia, calmanete; H: hábito (ARV: árvore, ARB: arbusto, EST: estipe, LIA: liana, HER: herbácea; P: procedência (Pr: próximo de casa, TP: terreno próprio, TC: terreno coletivo, Ma: mata; LO: local de origem (N: nativa, E: exótica); VU: valor de uso. AVC: Acidente vascular cerebral.

Família/Espécie/Autor	Nome vernacular	Categorias de uso	Parte utilizada	Forma de preparo ou uso	Indicação	H	P	LO	VU
ADOXACEAE									
<i>Sambucus nigra</i> L.	Sabugueiro	Me	Folha	Chá	Sarampo, catapora	ARB	PR	E	0,03
AMARANTHACEAE									
<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	Mastruz	Me	Folha	Batida, chá, sumo	Tosse, gripe, anti-inflamatório, dor, verme	HER	PR	N	0,30
AMARYLLIDACEAE									
<i>Allium sativum</i> L.	Alho	Me	caule	chá	Banho em criança	HER	PR	E	0,03
ANACARDIACEAE									
<i>Anacardium occidentale</i> L.	Caju	Me, Al	Casca do caule, fruta	Chá, infusão/ <i>in natura</i> , suco	Anti-inflamatório, ferimentos, diarreia	ARV	PR	E	0,38
<i>Mangifera indica</i> L.	Manga	Al	fruta	<i>In natura</i> , suco	-	ARV	PR	E	0,15
<i>Spondias mombin</i> L.	Taperebá	Me, Al	Caroço/fruto	Ralado/ <i>in natura</i>	Ferimento/	ARV	PR	N	0,15
ANONACEAE									
<i>Annona mucosa</i> Jacq.	Biribá	Al	fruto	<i>In natura</i>	-	ARV	Ma	N	0,15
APIACEAE									
<i>Petroselinum crispum</i> (mill)	Cheiro verde	Al	Folha e talo	<i>In natura</i> , cozido	-	HER	PR	E	0,23
APOCYNACEAE									
<i>Geissospermum</i> sp.	Quina	Me	Folha ou casca do caule	chá	febre	ARV	Ma	-	0,03
ARECACEAE									
<i>Astrocaryum murumuru</i> Mart.	Murumuru	Outros	semente	-	-	EST	Ma	N	0,11

<i>Astrocaryum vulgare</i> Mart.	Tucumã	Al, Ar	Fruto	<i>In natura</i>	anel	EST	Ma	N	0,11
<i>Bactris gasipaes</i> Kunth	Pupunha	Al, Ar	Fruto/caule	Cozida/retirada madeira	atabaqui	EST	Ma	N	0,38
<i>Cocos nucifera</i> L.	Coco	Me, Al, Ar	Casca do caule, água do fruto/	Chá/ colar, pulseira	Anemia, dor de cabeça/	EST	Ma	E	0,38
<i>Euterpe oleracea</i> Mart.	Açaí	Me, Al, Ar	Raiz, casca do caule, fruto/ semente	Chá/ vinho do fruto/ colar	AVC, diarreia, anti-inflamatório/	EST	TP/ TC/ Ma	N	0,88
<i>Mauritia flexuosa</i> L.f.	Buriti	Ar	fibra	-	Piaçaba, jarro	EST	Ma	N	0,03
<i>Oenocarpus bacaba</i> Mart.	Abacaba, bacaba	Al	fruto	vinho	-	EST	Ma	N	0,07
ASTERACEAE									
<i>Acmella oleracea</i> (L.) R.K.Jansen	Jambu	Al	folha	cozido	-	HER	Ma	N	0,15
<i>Artemisia vulgaris</i> L.	Anador	Me	folha	chá	dor	HER	PR	E	0,07
<i>Elephantopus mollis</i> Kunth	Língua de vaca	Me	folha	chá	Dor pós-parto	HER	PR	N	0,03
<i>Tanacetum vulgare</i> L.	Catinga de mulata	Me	folha	Chá, fricção	AVC, dor de cabeça	HER	PR	E	0,19
BIGNONIACEAE									
<i>Arrabidaea chica</i> (Humb. & Bonpl.) B. Verlot.	Pariri	Me	folha	chá	anemia	LIA	PR	E	0,07
<i>Crescentia cujete</i> L	Cabaça	Ar	fruto	-	Instrumento musical	ARV	PR	E	0,03
<i>Handroanthus</i> cf. <i>ochraceus</i> (Cham.) Mattos	Ipê	outros	caule	madeira	móveis	ARV	PR	N	0,03
<i>Mansoa alliacea</i> (LAM.) A. Gentry	Cipó de alho	Me	folha	chá	Má digestão	LIA	Ma	N	0,03
<i>Tabebuia serratifolia</i> (Vahl) Nichols	Pau d'arco	Me, outros	Casca do caule/ caule	Chá/ madeira	Inflamação do útero/ móveis, porta	ARV	Ma	N	0,07
BIXACEAE									
<i>Bixa orellana</i> L.	Urucum	Me	raiz	chá	tosse	ARB	PR	N	0,03
BRASSICACEAE									
<i>Brassica oleracea</i> L.	Couve	Al	folha	<i>In natura/ cozido</i>	-	HER	PR	E	0,03
BROMELIACEAE									
<i>Ananas comosus</i> (L.) Merr.	Abacaxi	Me, Al	fruto	Suco, <i>in natura</i>	Problemas intestinais	HER	PR	N	0,19

CARYOCARACEAE

<i>Caryocar villosum</i> (Aubl.) Pers.	Piquiá	Al, Ar, outros	Fruto/caule	Cozido/madeira	Canoa/estêo	ARV	Ma	N	0,26
--	--------	----------------	-------------	----------------	-------------	-----	----	---	------

CHRYSOBALANACEAE

<i>Licania tomentosa</i> (Benth.) Fritsch	Uxi	Me	caule	chá	Inflamação do útero	ARV	Ma	N	0,03
---	-----	----	-------	-----	---------------------	-----	----	---	------

COSTACEAE

<i>Costus spicatus</i> (Jacq.) Sw.	Canarana	Me	folha	chá	Pedra nos rins	HER	Ma	N	0,03
------------------------------------	----------	----	-------	-----	----------------	-----	----	---	------

CRASSULACEAE

<i>Kalanchoe pinnata</i> (Lam.) Pers.	Pirarucu	Me	folha	chá	tosse	HER	PR	E	0,11
---------------------------------------	----------	----	-------	-----	-------	-----	----	---	------

CUCURBITACEAE

<i>Citrullus lanatus</i> (Thunb.) Matsum. & Nakai	Melancia	Al	fruto	<i>In natura</i>	-	HER	TP	E	0,07
---	----------	----	-------	------------------	---	-----	----	---	------

<i>Cucumis anguria</i> L.	Maxixe	Al	fruto	cozido	-	LIA	PR	N	0,07
---------------------------	--------	----	-------	--------	---	-----	----	---	------

<i>Cucurbita moschata</i> L.	Jerimum	Me, Al	fruto	Umidade do fruto/cozido	cicatrizante	LIA	TP/TC	E	0,19
------------------------------	---------	--------	-------	-------------------------	--------------	-----	-------	---	------

EUPHORBIACEAE

<i>Manihot esculenta</i> Crantz	Macaxeica, mandioca	Al	Raiz/folha	Cozido, frito, bolo, farinha, maniçoba	-	ARB	TP/TC	N	0,57
---------------------------------	---------------------	----	------------	--	---	-----	-------	---	------

<i>Pedilanthus tithymaloides</i> (L.) poit.	Coramina	Me	folha	chá	Problemas cardíacos	ARB	PR	E	0,03
---	----------	----	-------	-----	---------------------	-----	----	---	------

FABACEAE

<i>Bauhinia guianensis</i> Aubl.	Cipó escada de jabuti	Me, Ar	cipó	infusão	Diarreia, ameba/vasos enfeites	LIA	Ma	N	0,19
----------------------------------	-----------------------	--------	------	---------	--------------------------------	-----	----	---	------

<i>Bauhinia macrostachya</i> Benth.	Pata de vaca	Me	folha	chá	diabetes	ARV	PR	N	0,03
-------------------------------------	--------------	----	-------	-----	----------	-----	----	---	------

<i>Cajanus cajan</i> (L.) Millsp.	Feijão	Al	semente	cozido	-	ARB	TP	E	0,38
-----------------------------------	--------	----	---------	--------	---	-----	----	---	------

<i>Copaifera</i> sp.	Copaíba	Me	Óleo, casca do caule	Aplicação direta, chá	Anti-inflamatório, cicatrização	ARV	Ma	N	0,11
----------------------	---------	----	----------------------	-----------------------	---------------------------------	-----	----	---	------

<i>Dalbergia monetaria</i> L.f.	Verônica	Me	Casca (cipó)	Infusão, chá, banho de assento	Inflamação do útero, diarreia, anti-inflamatório, dor estômago	LIA	PR	N	0,38
---------------------------------	----------	----	--------------	--------------------------------	--	-----	----	---	------

<i>Derris</i> sp.	Cipó timbó açu	Ar	Cipó (fibra)	Vassoura, paneiro	-	LIA	Ma	N	0,07
-------------------	----------------	----	--------------	-------------------	---	-----	----	---	------

<i>Hymenaea courbaril</i> L.	Jatobá	Me	Casca do caule	Chá ou infusão	Antibiótico/ problemas de próstata	ARV	Ma	N	0,11
<i>Stryphnodendron adstringens</i> (Mart.)	Barbatimão	Me	Casca do caule	chá	ferimentos	ARV	Ma	N	0,07
LAMIACEAE									
<i>Lippia alba</i> (Mill.) N.E.Br. ex Britton & P.Wilson	Cidreira	Me	folha	chá	Calmanente, febre	HER	PR	N	0,03
<i>Mentha × piperita</i> L.	Hortelã, Hortelãzinho	Me	folha	chá	Dor, cólicas de bebê	HER	PR	N	0,19
<i>Ocimum basilicum</i> L.	Favaca, alfavaca	Me	folha	chá	tosse	HER	PR	E	0,03
<i>Plectranthus barbatus</i> Andrews	Boldo	Me	folha	chá	dor	HER	PR	-	0,15
LAURACEAE									
<i>Cinnamomum zeylanicum</i> Blume	Canela	Me	folha	chá	enjoo	ARV	PR	E	0,03
<i>Persea americana</i> Mill.	Abacate	Me, Al	Folha/ fruto	Chá/ <i>in natura</i> , suco	Diarreia, pedra no rim	ARV	PR	E	0,15
LECYTHIDACEAE									
<i>Bertholletia excelsa</i> Bonpl.	Castanha do Pará	Me	Castanha e casca do caule	infusão	diarreia	ARV	Ma	N	0,03
<i>Gustavia augusta</i> L.	Geniporana	Ar	-	-	Instrumento musical	ARV	Ma	N	0,03
MALPIGHIACEAE									
<i>Byrsonima chrysophylla</i> Kunth	Muruci, murici	Al	fruto	<i>In natura</i> , suco	-	ARV	PR	N	0,07
<i>Malpighia emarginata</i> DC.	Acerola	Al	fruto	<i>In natura</i> , suco	-	ARB	PR	E	0,15
MALVACEAE									
<i>Abelmoschus esculentus</i> (L.) Moench	Quiabo	Al	fruto	cozido	-	ARB	PR	E	0,15
<i>Gossypium hirsutum</i> L.	Algodão	Me	folha	chá	Má digestão	ARB	PR	E	0,03
<i>Hibiscus sabdariffa</i> L.	Vinagreira	Me	folha	chá	alergia	ARB	PR	E	0,03
<i>Theobroma cacao</i> L.	Cacau	Al	fruto	<i>In natura</i>	-	ARB	Ma	N	0,11
<i>Theobroma grandiflorum</i> (Willd. ex Spreng.)	Cupuaçu	Al	fruto	Suco, creme	-	ARV	PR	N	0,23
<i>Theobroma subincanum</i> Mart.	Cupui	Al	fruto	creme	-	ARV	Ma	N	0,03
MARANTACEAE									
<i>Ischnosiphon arouma</i> (Aubl.) Körn.	Guarimã	Ar	fibra	-	Paneiro, peneira,	HER	Ma	N	0,23

					tipiti, abano				
MELIACEAE									
<i>Carapa guianensis</i> Aubl	Andiroba	Me, outros	Óleo, casca do caule/ caule	Aplicação do óleo, chá casca/ madeira	Anti- inflamató rio, tosse, ferimento , diabetes/ móveis	ARV	Ma	N	0,30
<i>Cedrela odorata</i> L.	Cedro	Me, outros	Casca do caule/ caule	Banho em crianças/ madeira	Infusão/ móveis	ARV	Ma	N	0,15
MORACEAE									
<i>Artocarpus heterophyllus</i> Lam.	Jaca	Al	fruto	<i>In natura</i>	-	ARV	PR	E	0,03
<i>Bagassa guianensis</i> Aubl.	Tatajuba	Ar	caule	madeira	canao	ARV	Ma	N	0,03
<i>Brosimum</i> sp.	Amapá	Me	caule	Seiva do caule fervida com mel	Fortifican te, anemia, febre, inflamaçã o	ARV	Ma	-	0,11
MUSACEAE									
<i>Musa x paradisiaca</i> L.	Banana	Me, Al	Caule/ fruto	Seiva do caule/ <i>in</i> <i>natura</i> , vitamina	ferimento s	ARB	TP/ TC/ PR	E	0,65
MYRTACEAE									
<i>Psidium guajava</i> L.	Goiaba	Me, Al	Folha, gomo foliar/frut o	Chá/ <i>in</i> <i>natura</i> , suco	diarreia	ARB	PR	E	0,26
OXALIDACEAE									
<i>Averrhoa bilimbi</i> L.	limãozinho	Al	fruto	-	-	ARV	PR	E	
PASSIFLORACEAE									
<i>Passiflora edulis</i> Sims	Maracujá	Me, Al	Flor e folha/ fruto	Chá/ <i>in</i> <i>natura</i> , suco	ansiolític o	LIA	PR	E	0,07
PEDALIACEAE									
<i>Sesamum orientale</i> L.	Gergelin preto	Me	semente	chá	AVC	HER	PR	E	0,03
PHYLLANTHACEAE									
<i>Phyllanthus niruri</i> L.	Quebra Pedra	Me	raiz	chá	Pedra no rim	HER	PR	N	0,03
PHYTOLACCACEAE									
<i>Petiveria alliacea</i> L.	Mucuracá	Me	folha	Infusão	AVC. Dor de cabeça	ARB	PR	E	0,11
PIPERACEAE									

<i>Piper callosum</i> Ruiz & Pav.	Elixir paregórico, elixir parigó	Me	folha	chá	Má digestão	HER	PR	E	0,11
<i>Piper nigrum</i> L.	Pimenta do reino	Al	fruto	-	-	LIA	TP	E	0,11
POACEAE									
<i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf	Capim santo	Me	folha	chá	Calmante, ansiolítico	HER	PR	E	0,07
<i>Saccharum officinarum</i> L.	Cana de açúcar	Al	caule	-	-	HER	PR	E	0,03
<i>Zea mays</i> L.	Milho	Al	fruto	Cozido, assado, mingau	-	HER	TP/TC	E	0,38
PORTULACACEAE									
<i>Portulaca pilosa</i> L.	Amor crescido	Me	folha	chá	Problemas no fígado	HER	PR	E	0,07
RUBIACEAE									
<i>Coffea arabica</i> L.	Café	Al	fruto	café	-	ARB	TP	E	0,03
<i>Uncaria guianensis</i> (Aubl.) J.F.Gmel	Unha de gato	Me	Casca (cipó)	Infusão ou chá	Anti-inflamatório, gastrite, diarreia	LIA	PR	N	0,38
RUTACEAE									
<i>Citrus aurantiifolia</i> (Christm.) Swingle	Lima	Me	folha	chá	Pressão alta	ARV	PR	E	0,07
<i>Citrus deliciosa</i> Ten.	Tangerina	Al	fruto	<i>In natura</i>	-	ARV	PR	E	0,07
<i>Citrus sinenses</i> (L.) Osbeck	Laranja	Me, Al	Folha/ fruto	Chá/ <i>in natura</i> , suco	febre	ARV	TP	E	
<i>Citrus x aurantiifolia</i> var. <i>latifolia</i> Yu.Tanaka	Limão	Me, Al	Fruto	suco	gastrite	ARV	PR	E	
<i>Citrus x aurantium</i> L.	Laranja da terra	Me	folhas	chá	Dor de cabeça	ARV	PR	E	0,11
<i>Ruta graveolens</i> L.	Arruda	Me	folha	chá	AVC	HER	PR	E	0,23
TALINACEAE									
<i>Talinum fruticosum</i> (L.) Juss.	Cariru	Al	folha	-	-	HER	PR	N	0,26
XANTHORRHOACEAE									
<i>Aloe vera</i> (L.) Burm.f.	Babosa	Me	folha	Baba da folha	Dor de estômago, problemas de fígado, ferimentos	HER	PR	E	0,19

ZINGIBERACEAE

<i>Zingiber officinale</i> Roscoe	Gengibre	Me	Raiz, folha	Chá com a raiz ou folha	AVC, tosse, gripe, ameba	HER	PR	E	0,23
-----------------------------------	----------	----	-------------	-------------------------	--------------------------	-----	----	---	------

NÃO IDENTIFICADAS

Aguardente		Me	folha	chá	AVC	HER	PR	-	0,03
Anador crescido		Me	folha	chá	Dor de estômago, gastrite, ferimentos	HER	PR	-	0,07
Angelim		outros	caule	madeira	móveis	ARV	Ma	-	0,03
Arroz		Al	semente	cozido	-	HER	TP	-	0,11
Atiriba		outros	caule	madeira	esteio	ARV	Ma	-	
Azeitona		Me	fruto	Chá da casca	Ardor estomacal	ARB	Ma	-	0,03
Batata		Al	raiz	Cozida, frita	-	HER	TP	-	0,03
Bem vem cá		Me	folha	infusão	Banho em criança	HER	PR	-	0,03
Binotau		Me	folha	chá	Anti-inflamatório, má digestão	HER	PR	-	0,03
Broqueira		outros	caule	madeira	Construção civil	ARV	Ma	-	
Cabacinha		Me	fruto	infusão	Ferimento, tumor	HER	Ma	-	0,03
Caju do mato		Me	Casca do caule	chá	Anti-inflamatório, gastrite, diabetes	ARV	Ma	-	0,07
Camomila		Me	folha	chá	calmante	HER	PR	-	0,03
Capitu		Me	raiz	infusão	Banho em criança	ARB	PR	-	0,03
Cará		Al	raiz	-	-	HER	PR	-	0,11
Caripé		Ar	caule	Queima da madeira	Artesanato de barro	ARV	Ma	-	0,03
Caxinguíua		Me	caule	Seiva do caule	AVC	ARB	Ma	-	0,07
Cebolinha		Al	folha	-	-	HER	PR	-	0,07
Cipó catinga		Me	Cipó ou folha	infusão	Banho em criança	HER	Ma	-	0,03

Cipó murutitica	Me	cipó	infusão	Problemas intestinais	HER	Ma	-	0,03
Corana	Me	folha	sumo	tosse	HER	PR	-	0,03
Cravo	Me	folha	maceração	AVC, dor de cabeça	ARB	PR	-	0,03
Cupiúba	Me, outros	Casca do caule/ caule	Infusão/ madeira	Gastrite/ construção civil	ARV	PR	-	0,11
Diclofenato	Me	folha	chá	Anti-inflamatório	HER	PR	-	0,03
Erango	Me	folha	Bater no liquidificador	Problemas de estômago e fígado	HER	PR	-	0,03
Mandioqueiro	outros	caule	madeira	Telhado, perna manca, ripa	ARV	Ma	-	0,23
Miriti	Ar	caule	-	-	EST	Ma	-	0,03
Mostarda	Me	semente	chá	AVC	HER	PR	-	0,07
Muquira	Me	-	-	-	HER	PR	-	0,03
Ouriço	Ar	-	-	Vasos	-	-	-	
Patchouli	Me	raiz	infusão	Queda de cabelo	HER	PR	-	0,03
Pepino	Al	fruto	-	-	HER	PR	-	0,03
Piaçaba/piaçava	Ar	fibra	-	vassoura	EST	Ma	-	
Pimenta de cheiro	Al	fruto	-	-	HER	PR	-	0,03
Pimentão	Al	fruto	-	-	HER	PR	-	0,11
Transage	Me	folha	chá	Dor de garganta	HER	PR	-	0,03
Trevo roxo	Me	folha	infusão	Dor de ouvido	HER	PR	-	0,07
Ubi	outros	caule	madeira	telhado	ARV	Ma	-	0,03
Zezilinho	Me	semente	sumo	AVC, febre	HER	PR	-	0,11

PLANTAS DE USO ALIMENTAR

Mais da metade dos entrevistados da comunidade cultivam alimentos para a venda, uma pessoa vende açaí pronto para consumo da comunidade, e o restante dos

alimentos são vendidos para fora da comunidade. Os compradores vão de carro para comprar ou a produção é vendida ao Programa de Aquisição de alimentos (PAA): A grande maioria desses cultivos dos moradores do Jacarequara é comprada pelo PAA, que é um programa do governo federal que beneficia fornecedores de agricultura familiar, como no caso integrantes de comunidades remanescentes de quilombos.

Foram citadas 47 espécies de uso alimentar. As formas de obtenção das plantas são através do cultivo próximo de casa, cultivo em terrenos particulares ou coletivos, além da coleta direta na mata. As espécies mais citadas pelos entrevistados foram o açaí (*Euterpe oleracea*) (20), macaxeira e mandioca (*Manihot esculenta*) (15), banana (*Musa x paradisiaca*) (15), feijão (*Cajanus cajan* (L.) (10), milho (*Zea mays*) (10), laranja (*Citrus sinensis*) (9), pupunha (*Bactris gasipaes*) (9) e coco (*Cocos nucifera*) (7). Algumas famílias mantêm hortas de legumes e verduras, geralmente no quintal de casa para uso próprio.

De forma geral, as partes da planta consumidas foram: frutos, grãos, folhas e raízes. As formas de consumo são: *in natura*, cozidas, suco, polpa, farinha, bolo e mingau. Os locais de cultivo ou coleta são próximo de casa geralmente nas áreas de quintal, na roça em terrenos individuais ou coletivos, e na mata próxima à comunidade.

Dentre as plantas usadas na alimentação, extraídas da mata estão abacaba (*Oenocarpus bacaba*) (2), açaí (*Euterpe oleracea*) (4), cacau (*Theobroma cacao*) (3), piquiá (*Caryocar villosum*) (5), e tucumã (*Astrocaryum vulgare*) (2), todos destinados para consumo próprio.

PLANTAS DE USO ARTESANAL

Metade dos entrevistados utilizam material de origem vegetal na criação de algum tipo de artesanato. Foram citadas 16 plantas utilizadas para o artesanato são: guarimã (*Ischnosiphon arouma*) (6), cipó timbó-açu (*Derris* sp.) (2), coco seco (*Cocos nucifera*) (2), piquiá (*Caryocar villosum*) (1), tatajuba (*Bagassa guianensis*) (1), cipó escada de jabuti (*Bauhinia guianensis*) (1), ouriço (1), pupunheira (*Bactris gasipaes*) (1), geniporana (*gustavia augusta*) (1), buriti (*Mauritia flexuosa*) (1), cabaça (*Crescentia cujete*) (1), tucumã (*Astrocaryum vulgare*) (1), miriti (1), açaí (*Euterpe oleracea*) (1), caripé (1), piaçaba (1).

Quando questionados sobre com quem aprendeu a fazer artesanato, 69% dos entrevistados dizem ter aprendido com a família, 15% não sabe ou não lembra, 8% através observação, e 8% em cursos. A produção de artesanato realizada por moradores da comunidade são: o paneiro, peneira e abanos, tipiti, vassoura, canoa, além de vasos, colares, anéis, pulseiras, instrumentos musicais e objetos de barro. As partes utilizadas são as fibras, folhas, frutos, sementes, cipó e a madeira para queima na fabricação dos itens de barro (Figura 5).

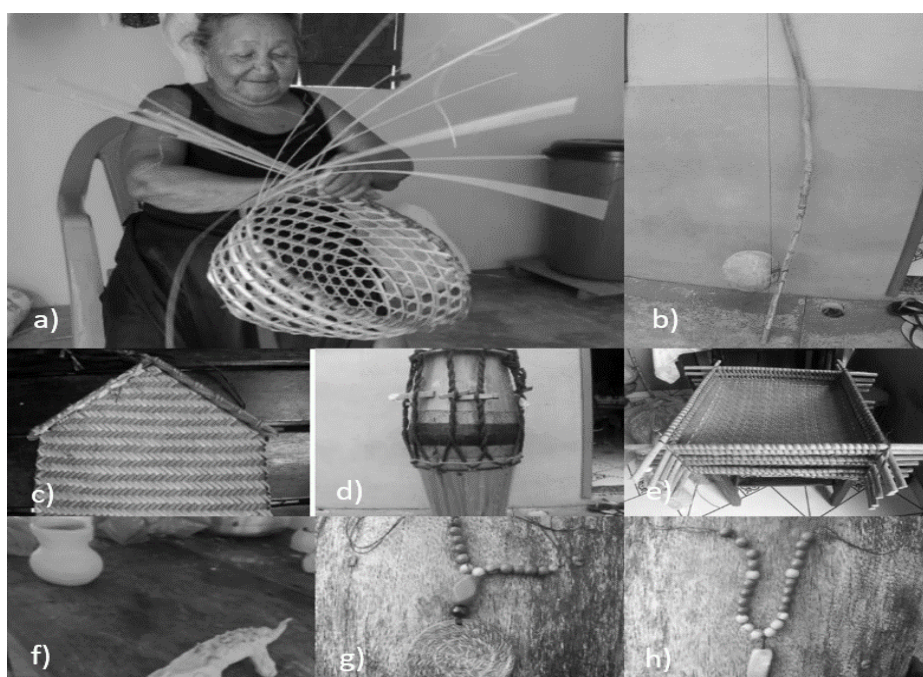


Figura 5. Produção de artesanato realizada por moradores da comunidade quilombola de Jacarequara, Santa Luzia do Pará. a) paneiro; b) berimbau; c) abano; d) atabaque; e) peneira; f) objetos de barro; g) colar; h) pulseira.

OUTROS USOS DE PLANTAS

Com relação a outros conhecimentos de uso de plantas não categorizados, foram citadas 15 espécies, mandioqueiro (6), guaruba-cedro (3), guaruba (3), loro vermelho (3), andiroba (2), cupiúba (2), angelim (1), cedro (1), ipê (1), pau d'arco (1), piquiá (1), ubí (1), atiriba (1) e broqueira (1). As plantas citadas são lenhosas e a parte utilizada é o caule, usado principalmente na construção civil com tábuas, esteio, perna manca, madeiramento para telhado e ripas, além de móveis, portas e janelas. Os frutos de murumuru (*Astrocaryum murumuru* (6) são destinados para venda à empresa de cosméticos Natura, qual produz produtos para cuidado pessoal ou beleza.

DISCUSSÃO

O presente estudo mostra semelhanças com outras comunidades tradicionais amazônicas, principalmente pelo alto número de espécies úteis, o conhecimento do uso das plantas repassado dentro das famílias, especialmente de mães e avós para filhos e o uso medicinal das plantas (PEREIRA E COLEHO-FERREIRA, 2017; GONÇALVES E LUCAS, 2017; SILVA, 2019). Especialmente o conhecimento repassado pelas mães e avós, o que demonstra a importância das mulheres, tornando-as peças-chave na continuidade desse ciclo de conhecimentos.

Em geral, a variedade de usos de plantas medicinais encontrada neste estudo, se dá pela dificuldade de acesso ao serviço de saúde nas comunidades. O mesmo é descrito por Silva e Lobato (2019) na comunidade quilombola de Abacatal, Ananindeua-Pará.

Outra similaridade entre o presente estudo e Silva e Lobato (2019) está na lista de espécies medicinais úteis são similares às destacando: anador, elixir paregórico, alfavaca, uxi, unha de gato, mucuracá, pirarucu, pariri, andiroba, verônica, açazeiro e boldo.

A respeito das principais enfermidades mencionadas, inflamação uterina, problemas de estômago, diarreia, e problemas inflamatórios gerais, tratadas com o preparo de chás, infusões e banhos, utilizando as espécies vegetais unha de gato, verônica, caju, mastruz, andiroba, gengibre, catinga de mulata e babosa e partes utilizadas, folha, casca do caule e óleo extraído, tem similaridade com resultados de outros estudos realizados em comunidades quilombolas no estado do Pará (PEREIRA E COLEHO-FERREIRA, 2017; GONÇALVES E LUCAS, 2017; SILVA, 2019).

As espécies de uso alimentar citadas, são ao mesmo tempo a base econômica para grande parte dos moradores da comunidade pois são comercializadas quando há excedente de produção, assim como em outras comunidades quilombolas, a exemplo da comunidade Itaboca, no Pará. Esses cultivos contam com colaboração de familiares muitas das vezes em terrenos de uso coletivo, fazendo com que seja considerada agricultura familiar, que tem como definição:

Constitui-se a partir das formas e da organização social do processo produtivo que, essencialmente, caracterizam-se pelos seguintes aspectos: i) utilização de mão de obra essencialmente familiar na propriedade; ii) parte dos rendimentos do grupo familiar advindos das atividades rurais da propriedade; iii) produção diversificada, especialmente para o autoconsumo; iv) estabelecimentos rurais com tamanho máximo de até quatro módulos fiscais (FOSSÁ E RENK, 2021).

As plantas de uso alimentar mais citadas neste estudo, açaí, macaxeira ou mandioca, banana, feijão, milho, laranja e pupunha, sendo as mesmas vistas em outros estudos com tema concordante (SILVA, 2019). As partes das plantas usadas são os frutos, raízes e sementes, que são cultivadas dentro da comunidade e consumidas de forma regular pelos moradores. Segundo os entrevistados, nos últimos 10 anos o consumo de alimentos de supermercados e feiras aumentou, contudo, o consumo de alimentos cultivados na comunidade ainda é bastante presente na comunidade.

Com relação ao artesanato quilombola amazônico, assim como no presente estudo, Amaral (2010) viu que na comunidade quilombola Bom jardim, município de Santarém, Pará., o artesanato é confeccionado com fibras e plantas da palmeira inajá, e frutos como tucumã. Dentre os produtos confeccionados estão paneiros, peneiras, tipitis e pequenos adornos para venda. Segundo o autor, o artesanato produzido pelos remanescentes de quilombo é parte importante da sua vivência pois são em sua maioria itens utilizados das atividades do cotidiano. Além disso parte destes produtos podem ser vendidos e complementar a renda, como itens de decoração, colares, pulseiras e anéis.

Para PERTUSSATTI (2017) a produção do atabaque e do berimbau para a capoeira, que é uma expressão cultural afro-brasileira de grande significado para os remanescentes de quilombo, pois traz benefícios físicos psicológicos e culturais para a comunidade. A dança, os golpes marciais a brincadeira e os símbolos e rituais são de herança africana sendo uma afirmação de identidade afro-brasileira, reconhecida como patrimônio cultural imaterial brasileiro.

Dentre as plantas de uso não categorizado, houve, principalmente, citações de espécies usadas para construção civil, movelaria, com alguns relatos de que eles mesmos conhecem e sabem construir peças para telhado, tábuas, esteio etc., levando em

consideração a resistência, espessura e maleabilidade de cada espécie. A predominância do sexo masculino no conhecimento sobre esse tipo de uso pode estar relacionada ao histórico de trabalho masculino nessa ocupação. Sobre a distribuição de gênero nesse setor Cantisani e Castelo (2015) dizem que se mantém um índice maior que 90% do sexo masculino.

A respeito da coleta e venda do murumuru, em pesquisa sobre os impactos das práticas comerciais da empresa de comércio Natura na comunidade Jacarequara, De Almeida e Da Silva (2018) identificou mudanças nas famílias que participam da coleta e venda da espécie vegetal, havendo alterações na dinâmica de vida dessas pessoas, o que afeta suas formas produtivas tradicionais.

CONCLUSÕES

Ao total, levando em consideração que algumas espécies vegetais possuem mais de um uso, a comunidade utiliza 130 espécies vegetais para usos medicinal, alimentar, para artesanato e outros fins. Sendo 40 espécies vegetais nativas. 45 exóticas e 45 sem classificação.

A Comunidade de remanescentes de quilombo Jacarequara tem amplo conhecimento e uso das plantas medicinais, cujo conhecimento é repassado de mãe para filhos. As principais espécies vegetais usadas foram a Unha de gato (10 citações) (*Uncaria tomentosa*), Verônica (*Dalbergia monetaria*) (10), Caju (*Anacardium occidentale*) (8), mastruz (*Chenopodium ambrosioides*) (8), e as principais partes usadas folha e casca do caule, usadas principalmente em forma de chá, infusão e maceração. As formas de uso são: ingestão, banhos, bochechos e aplicação direta

Para plantas de uso alimentar apresenta um padrão parecido com outras localidades de interior da região com roça de mandioca, macaxeira, feijão, pupunha e açaí plantados para consumo próprio e em terrenos individuais ou coletivos.

Artesanato feito a partir de plantas, produz instrumentos musicais de capoeira que representam expressão cultural afro-brasileira. Outros usos de plantas inclui a construção civil, movelaria e a venda do murumuru para produção de cosméticos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos moradores da Comunidade Quilombola Jacarequara pela hospitalidade, prestatividade e disponibilidade ao longo de todas as etapas da pesquisa; à Universidade Federal do Pará Campus Altamira e ao Programa de Pós-graduação em Biodiversidade e Conservação; À Fundação Amazônia de Amparo a Estudos e Pesquisas (FAPESPA), pela concessão da bolsa. Esse estudo foi autorizado pelo comitê de Ética em Pesquisas em Seres Humanos do Instituto de Ciências da saúde da Universidade Federal do Pará (CEP-ICS/UFGA) em 26 de junho de 2022 sob o número de protocolo 56311622.1.0000.0018.

BIBLIOGRAFIA CITADA

Amaral, A. J. P. 2010. Artesanato Quilombola: identidade e etnicidade na Amazônia. Revista Cadernos do Ceom, 32: 61-76.

Biernacki, P.; Waldorf, D. 1981. Snowball sampling: problems and techniques of chain referral sampling. Sociological Methods & Research, Thousand Oaks, CA.10: 141-163.

Biondo, E. et al. 2018. Diversidade e potencial de utilização de plantas alimentícias não convencionais no Vale do Taquari, RS. Revista Eletrônica Científica da UERGS, 4: 61-90.

BRASIL. 2006. Política nacional de plantas medicinais e fitoterápicos / Ministério da Saúde, Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos, Departamento de Assistência Farmacêutica. Brasília: Ministério da Saúde.

Cantisani, A. F.; Castelo, A. M. 2015. O perfil dos trabalhadores da construção civil. *Conjuntura da Construção*. 13: 10-13.

Cordeiro, I. M. C. C.; 2017. Nordeste do Pará: configuração atual e aspectos identitários. In: Arbage, M. J. C; Schwartz, G. Embrapa Amazônia Oriental (ALICE), p.19-58.

Corette-Pasa, M. 2011. Abordagem Etnobotânica na Comunidade de Conceição-Açu. Mato Grosso, Brasil. *México. Polibotânica*. 31:169-197.

Crispim, D. L. *et al.* 2020. Análise de índice de vegetação e a temperatura da superfície no município de Santa Luzia do Pará, Amazônia. *Journal of Hyperspectral Remote Sensing*. 10: 77-86.

Dantas, C. F. N; Ferreira, R. S. 2013. Os conhecimentos tradicionais dos (as) erveiros (as) da Feira do Ver-o-Peso (Belém, Pará, Brasil): um olhar sob a ótica da Ciência da Informação. *Perspectivas em Ciência da Informação*. 18: 105-125.

De Almeida, A. D.; Da Silva, A. B. 2018. Os impactos das práticas comerciais da empresa de cosméticos natura na comunidade quilombola do jacarequara em Santa luzia do Pará-pa. *Nova Revista Amazônica*. 6: 13-30.

De Melo, M. F. T.; Barros, F. B. 2016. O mundo segundo os quilombolas do bairro alto (Ilha de Marajó): Cosmovisões acerca da vida e das relações sociedade e natureza. *ACENO-Revista de Antropologia do Centro-Oeste*. 3:120-136.

Fontanella, B. J. B; Ricas, J.; Turato, E. R. 2008. Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. *Cadernos de saúde pública*. 24:17-27.

FOSSÁ, J. L.; RENK, A. 2021. O conceito de agricultura familiar: retrocessos do presente. *Revista Grifos*, 30:73-93.

FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES, 2020 Palmares fundação cultural. Certificação quilombola. (www.palmares.gov.br/?page_id=37551). Acesso em 2/11/2020.

GONÇAVES, J. P.; LUCAS, F. C. A. 2017. Agrobiodiversidade e etnoconhecimento em quintais de Abaetetuba, Pará, Brasil. *Revista Brasileira de Biociências*, 15: 3.

Herbário virtual Reflora, 2020. Programa Reflora. (<https://reflora.jbrj.gov.br/reflora/herbarioVirtual/ConsultaPublicoHVUC/ConsultaPublicoHVUC.do>) . Acesso em 03/05/2022.

IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – cidades Santa Luzia do Pará/PA – Censo 2010. (<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pa/santa-luzia-do-para/panorama>). Acesso em 8/11/2020.

ITERPA Instituto de Terras do Pará, 2020. Quilombolas: Territórios quilombolas. (<http://www.iterpa.pa.gov.br/content/quilombolas-0>). Acesso em 2/11/2020.

- Kinupp, V. F; De Barros, I. B. I. 2007. Riqueza de plantas alimentícias não-convencionais na Região Metropolitana de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. *Revista Brasileira de Biociências*. 5: 63-65.
- Maciel, M. A. M. *et al.* 2002. Plantas medicinais: a necessidade de estudos multidisciplinares. *Química nova*. 25: 429-438.
- Manzini, E. J. 1990/1991. A entrevista na pesquisa social. *Didática*, São Paulo. 26/27: 149-158.
- Pereira, M. G. S; Coelho-Ferreira, M. 2017. Uso e diversidade de plantas medicinais em uma comunidade quilombola na Amazônia Oriental, Abaetetuba, Pará. *Biota Amazônia (Biote Amazonie, Biota Amazonia, Amazonian Biota)*. 7:57-68.
- Pertussatti, M. 2017. Capoeira: diálogo de saberes como possibilidade de valorização da (s) identidade (s) afro-brasileira (s) e do patrimônio imaterial. *RELACult-Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade*. 3: ed especial.
- Ramos, M. O. 2007. A "comida da roça" ontem e hoje: um estudo etnográfico dos saberes e práticas alimentares de agricultores de Maquiné (RS). Dissertação de mestrado – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 177p.
- Rossato, Silvia C. *et al.* 1999. Ethnobotany of caiçaras of the Atlantic Forest coast (Brazil). *Economic botany*. 53: 387-395.
- Silva, A. C. da.; Lobato, F. H. S.; Ravena-Canete, V. 2019. Plantas medicinais e seus usos em um quilombo amazônico: o caso da comunidade Quilombola do Abacatal, Ananindeua (PA). *Revista do NUFEN*. 11: 113-136.
- SILVA, S. C. 2019. Conhecimento etnobotânico de moradores da comunidade quilombola Itaboca, município de Inhangapi, estado do Pará. Dissertação de Mestrado. Campus Universitário de Castanhal, Universidade Federal do Pará, Castanhal, 64p.
- Silva, M.; Santos, E, R. 2006. Diagnóstico e planejamento de desenvolvimento do território rural do nordeste paraense. Capanema: Ministério do Desenvolvimento Agrário. 133p
- Silva, V. A.; Almeida, A. L. S.; Albuquerque, U. P. 2010. *Etnobiologia e Etnoecologia: pessoas & natureza na América Latina*. 1 ed. Recife, PE: NUPEEA. 39-63.
- Sousa, R. B. Nascimento, A. L. C. 2013. Dinâmica Territorial da Agricultura Camponesa na comunidade do Cravo no Nordeste Paraense. *Revista de Geografia (Recife)*. 30: p. 175.
- Val, A. L. 2014. Amazônia um bioma multinacional. *Ciência e Cultura*. 66:20-24.
- Vanini, M. 2010. Uso de plantas medicinais em um território quilombola do município de Mostardas-Rio Grande do Sul. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pelotas. p.90.

APÊNDICES

APÊNDICE A

Universidade Federal do Pará

Campus Universitário de Altamira

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM BIODIVERSIDADE E CONSERVAÇÃO

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

1. Você está sendo convidado para participar da pesquisa intitulada “Plantas úteis na Comunidade Quilombola Jacarequara, Município de Santa Luzia do Pará – PA”
2. Estamos desenvolvendo pesquisa pois até o presente momento não há nenhuma na temática etnobotânica na comunidade, sendo importantes esses registros.
 - a. Você foi selecionado pelo método “Bola de Neve” e sua participação não é obrigatória
 - b. O objetivo do estudo é o de investigar o uso de plantas medicinais, alimentícias, ornamentais e artesanais da comunidade Jacarequara.
 - c. Sua participação nessa pesquisa consistirá em uma entrevista, emitindo seu parecer sobre as questões solicitadas.
 - d. Ocorrerá publicação da pesquisa em veículos de comunicação certifica
3. A responsável pela execução da pesquisa é Érica Joziélen Cunha da Silva, aluna do Programa de Pós graduação em Biodiversidade e conservação da Universidade Federal do Pará.
 - a. “As informações obtidas através dessa pesquisa serão confidenciais e asseguramos o sigilo sobre sua participação”.
 - b. Os dados não serão divulgados de forma a possibilitar sua identificação, utilizando apenas iniciais do seu nome.
4. Os riscos da pesquisa são: medo de não saber responder, de ser identificado, cansaço, vergonha, desconforto ao responder perguntas.
5. Os benefícios da pesquisa são: disponibilidade das informações da pesquisa para conhecimento e uso dos moradores de forma geral, e alunos da escola, sendo útil para disseminar dentro da própria comunidade esse etnoconhecimento.

Érica Joziélen Cunha da Silva

E-mail: erica.silva.hope1@gmail.com Tel: (91) 998192431

Termo de consentimento

Declaro que eu fui informado sobre os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e porque o pesquisador precisa da minha colaboração, e da publicação do trabalho, tendo entendido a explicação. Por isso, eu concordo em participar, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo pesquisador, ficando uma via com cada um de nós.

Santa Luzia do Pará _____ de _____ de _____.

Assinatura do Participante

Em caso de dúvidas, com respeito aos aspectos éticos desta pesquisa, você poderá consultar:

CEP: Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos do Instituto de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Pará (CEP-ICS/UFPA). Rua Augusto Corrêa, Nº 1. Faculdade de Enfermagem do ICS - Sala 13 - Campus Universitário, Bairro: Guamá.
CEP: 66.075-110 - Belém-Pará. Tel: (91) 3201-7735. E-mail: cepccs@ufpa.br

APÊNDICE B

Universidade Federal do Pará

Campus Universitário de Altamira

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM BIODIVERSIDADE E CONSERVAÇÃO

Pesquisa: Plantas Úteis na Comunidade Quilombola Jacarequara, Localizada no Município de Santa Luzia do Pará – PA

Orientadora: Prof^a Dra Moirah Paula Machado de Menezes

Coorientadora: Prof^a. Dra. Fernanda Carneiro Romagnoli

Orientanda: Bióloga Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Biodiversidade e Conservação- UFPA, Érica Joziélen Cunha da Silva, Fone: (91) 998192431 / E-mail: erica.silva.hope1@gmail.com

Roteiro de Perguntas

IDENTIFICAÇÃO

1. Nome: _____
2. Idade: _____ Sexo: Masculino () Feminino ()
3. Escolaridade: _____
4. Há quantos anos mora no local: _____
5. Qual principal atividade: _____
6. Quantas pessoas moram na residência (incluindo o entrevistado): _____

UTILIZAÇÃO DAS PLANTAS

1. Qual sua primeira opção de tratamento quando adoece: caseira ou farmacêutica?
2. Você conhece plantas que possam ser utilizadas para tratar alguma doença ou algum mal? Já fez uso ou ainda faz?
3. Quais? Qual parte da planta é utilizada?
4. Para quais problemas de saúde são indicados?
5. Sempre se sente melhor ou já se sentiu pior alguma vez? (nome de planta, indicação, forma de preparo, porções)
6. Onde essas plantas são obtidas?
7. Com que frequência você ou sua família fazem uso das plantas medicinais? Uma vez por semana, uma vez por mês, raramente ou nunca.
8. Com quem você aprendeu a usar as plantas medicinais?
9. Você já perguntou a algum profissional de saúde sobre a eficiência de alguma planta medicinal?
10. você e sua família plantam ou cultivam algo para alimentação própria? Colhem algo na mata? O que? Que parte comem da planta? (incluindo frutas e hortaliças).
11. Você ou sua família vendem a produção cultivada ou parte dela? Para quem?
12. A área em que você ou sua família cultivam fica dentro da comunidade? (terreno pessoal, alugado ou coletivo)

13. Você vê alguma mudança de tempos pra cá do modo alimentar seu ou do seu núcleo familiar? Há mais alimentos comprados em supermercados e feiras hoje em dia?
14. você ou sua família utilizam alguma planta para fazer artesanato?
15. Para uso próprio ou venda? Quais? Para que?
16. Qual parte utilizada? Onde ela é obtida?
17. Se faz venda, para quem são vendidas, pessoas da própria comunidade ou de fora dela?
16. Com quem você aprendeu sobre utilização dessas plantas em artesanato?
17. Existe mais algum tipo de uso de plantas por você e sua família? Quais e para que utilizam?
18. Usa ou vende? Qual parte da planta é utilizada?
19. O que você achou de participar dessa pesquisa?
20. Você tem alguma sugestão?

APÊNDICE C

Universidade Federal do Pará

Campus Universitário de Altamira

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM BIODIVERSIDADE E CONSERVAÇÃO

Pesquisa: Plantas Úteis na Comunidade Quilombola Jacarequara, Localizada no Município de Santa Luzia do Pará – PA

Orientadora: Prof^a Dra Moirah Paula Machado de Menezes

Coorientadora: Prof^a. Dra. Fernanda Carneiro Romagnoli

Orientanda: Érica Joziélen Cunha da Silva, Fone: (91) 998192431 / E-mail: erica.silva.hope1@gmail.com

Autorização para Registro Fotográfico

Pelo presente termo, declaro que fui informado, de forma clara e detalhada, e estou ciente do objetivo deste trabalho, que é fazer um levantamento do uso de plantas pela comunidade Quilombola Jacarequara.

Igualmente fui notificado a respeito da forma de trabalho, que se dará da seguinte maneira: os dados serão coletados através de uma visita à Comunidade Quilombola, onde será realizada uma entrevista semi-estruturada, sem uso de gravador, apenas anotações com os moradores das comunidades quilombolas.

Fui igualmente prevenido: Da garantia do livre acesso aos dados coletados, e esclarecimento referente aos procedimentos, riscos, benefícios e outros assuntos relacionados ao trabalho;

Da liberdade de desistir do estudo no momento em que desejar, sem que isso me traga prejuízo algum;

Da segurança de que será preservado o meu anonimato, e que se manterá o caráter confidencial das informações relacionadas à minha privacidade;

Do compromisso de acesso às informações coletadas, como também dos resultados obtidos;

De que serão mantidos todos os princípios ético-legais durante e após a conclusão do trabalho;

Da possibilidade do estudo vir a ser apresentado, divulgado e/ou publicado em todos os veículos de comunicação certifica e eventos pertinentes.

Eu, _____, permito que sejam feitas imagens fotográficas de minha pessoa, de minha moradia e das plantas de minha posse para identificação, e que essas imagens sejam divulgadas em posteriores trabalhos científicos.

Santa Luzia do Pará, ____ de _____ de _____.

Participante da pesquisa

Érica Joziélen Cunha da Silva